
Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia

*Haike Roselane Kleber da Silva**

Resumo: Este artigo busca analisar três metodologias de pesquisa – história oral, história de vida e biografia – utilizadas pela História e pelas Ciências Sociais. Parte do princípio de que o uso dessas metodologias tem produzido uma certa confusão conceitual geradora de apropriações muitas vezes indevidas e críticas equivocadas. O artigo busca confrontar as três metodologias, estabelecendo especificidades que possam permitir a compreensão das filiações e fronteiras de cada método.

Palavras-chave: história oral, história de vida, biografia.

Abstract: The present paper aims to analyze three research methodologies – oral history, life history and biography – used by history and by social science. It is based on a perception that the used of these methodologies has been producing a certain conceptual misunderstanding which sometimes generates mistaken appropriations and equivocated critics. The paper confronts the three methodologies by establishing specificities in order to enhance the understanding of filiations and frontiers of each method.

Key words: oral history, life history, biography.

É interessante ver que, antes mesmo de esclarecer, clarear, abrir caminhos para a compreensão das coisas, a leitura proporciona um melhor cercamento da dúvida, um re-direcionamento das questões, permitindo, assim, definir melhor o que se quer saber. Foi a partir de leituras dirigidas à temática da *história oral* que surgiram perguntas em relação ao uso, não apenas da metodologia, mas dos termos *história oral*, *história de vida e biografia*. O estímulo à questão veio de um artigo bastante conhecido de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988) a respeito dos relatos orais, o qual produziu uma sensação de estranhamento ao notar que não havia uma concordância com suas idéias no que concerne à *biografia*. Também em relação à *história oral* e à

* Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

história de vida, a autora constrói explicações que mais trouxeram indagações do que respostas. Nesse sentido, o artigo de Queiroz é um ótimo trabalho, pois provoca reflexões. Qual seria, então, a relação entre esses três campos? São campos distintos? Ou serão nomes diferenciados para o mesmo método de pesquisa?

Essas foram as perguntas iniciais. A partir daí, buscou-se bibliografia de apoio, e uma rápida e superficial análise dos textos e dos autores que se voltam à temática já possibilitou algumas inferências.

Em primeiro lugar, pensar a *biografia* em conjunto com a *história oral* não é uma obviedade. Uma pode, perfeitamente, viver sem a outra. É possível construir uma *biografia* sem o recurso da *história oral*, como também se pode fazer uso da *história oral* em propostas de pesquisa não-biográficas (relativas a uma coletividade, a um processo ou a um acontecimento). Essa afirmação, no entanto, também não é óbvia, pois depende da matriz da reflexão: se é histórica ou sociológica.

Isso leva à segunda constatação: os termos *biografia*, *história oral* e *história de vida* são interpretados diferentemente por sociólogos e historiadores. Camargo, Hippolito e Lima (1983, p. 13) já haviam feito essa afirmação em relação à *história de vida*. De semelhante modo, Debert (1988, p. 141) também chegou a essa conclusão. Mas se pode estender a compreensão à *história oral*¹ e, principalmente, à *biografia*. Até aí, não parece haver grande problema, mas se deve levar isso em conta ao utilizar um ou outro autor como suporte teórico-metodológico. E, como admite Revel (1998, p. 87), “basta prestar atenção às referências bibliográficas das produções desses anos para verificar que se tornou normal, até mesmo imperativo – quase também ritual – para os historiadores fundar seus procedimentos e seus resultados remetendo aos trabalhos dos antropólogos e dos sociólogos, a partir de agora parceiros privilegiados.”

Ferraroti (1996, p. 94) lembra que “cuando categorías amplia-mente sociológicas son utilizadas por los historiadores de manera subrepticia y fundamentalmente acrítica, los resultados no pueden ser más que frustrantes, con frecuencia a remolque de la actualidad y de las modas”. Trata-se da busca de uma “indefinida interdisciplinarietà, que rara vez escapa a una confusión burda de los términos y las ideas” (Ferraroti, 1989, p. 53). No caso em foco, a precisão conceitual parece estar longe de se realizar. No campo das Ciências Sociais, Munoz (1992, p. 13) reconhece a falta de clareza em relação ao *método biográfico* quando afirma que

[...] el carácter multifacético de este método, así como las muchas tradiciones académicas y nacionales en las que se sustenta, han generado una multiplicidad terminológica, que llega a producir

confusión y una difícil delimitación conceptual, que redundan en el solapamiento de términos distintos que poseen un valor sinónimo, unas veces; mientras que en otras, un mismo término puede llegar a tener significación muy distinta, según las escuelas.

Mas quem está utilizando conceitos de quem? Dentro de que campo científico foi cunhado tal conceito? Nesse trabalho, busca-se perceber, por meio da trajetória dos campos, as diferenças entre os conceitos em foco nas ciências sociais e na história. Não se trata de garantir autoria, ou de *patentear* um conceito, mas sim, de tornar *patente* no sentido de clara, aberta e acessível a sua compreensão. Portanto, uma análise da forma de apropriação dos conceitos *história oral*, *história de vida* e *biografia* será precedida do exame de sua gênese.

Respeitando uma certa ordem de antigüidade, começar-se-á pela biografia.

Sem retomar as *vidas de santos* e reis medievais ou a biografia no Renascimento² – ou, ainda mais longe, Políbio e Plutarco³ –, partir-se-á da problemática da qual participaram os historiadores defensores da *biografia* no século XIX. Ao assumir o *status* de ciência, a História convive com um paradoxo. Com a influência de uma história filosófica, na qual seria encontrado o sentido da história empírica, e de uma visão providencial que rejeitava o caso individual, a *biografia* deixou de ter um maior interesse. Seguindo a filosofia de Auguste Comte, “o indivíduo era esmagado pela lei” e este “sacrifício da dimensão individual” visava a uma “grande revolução historiográfica” (Loriga, 1998, p. 230-231). Apesar de Comte, a prática dos historiadores seguiu um desvio de caminho – e aí está o paradoxo. Retomando aspectos de uma velha discussão, Schmidt⁴ (1996, p. 167) salienta que o *positivismo* comtiano foi apropriado pelos historiadores de forma que “acabou privilegiando a atuação dos *grandes homens* e, portanto, dando destaque ao gênero biográfico”. Além de Carlyle – “o melhor exemplo de historiador que se opôs ao princípio da necessidade do *positivismo* em prol do ‘grande homem’” (Loriga, 1998, p. 233) – muitos outros, na linha de Leopold von Ranke, seguiram sublinhando os grandes feitos e os grandes acontecimentos. A biografia viveu, durante as primeiras décadas do século XX, os seus *anos dourados*.

A História social, desenvolvida ao longo do século XX, abafou a *biografia*. O marxismo com seu *modo de produção*, e os *Annales*, com a *longa duração* de Braudel, rejeitaram o indivíduo, ou, como salienta Moya (1993, p. 229), “la historia se convirtió en un proceso sin sujeto, borrados los hombres en el sistema de sus relaciones sociales o anegados en una conciencia colectiva determinante de las decisiones personales.”

A crise do paradigma estruturalista e dos enfoques macroanalíticos fez nascer novas questões e retornar à cena historiográfica alguns dos seus velhos gêneros, dentre eles, a *biografia*.⁵ Problemas como “as relações entre indivíduo

e sociedade, entre unidade e fragmentação do social, entre narração e explicação e entre público e privado” tomam a cena na historiografia contemporânea e estão, também, presentes no debate em torno do gênero biográfico (Schmidt, 1996, p. 165-166). Redescobre-se, então, o que era considerado *un genre mineur*:⁶ “após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessaram pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou, hoje, a ocupar um lugar central em suas preocupações” (Loriga, 1998, p. 225).

Retrocedendo novamente até a década de 20, quando então a *biografia* começava a ser descartada do campo historiográfico, vê-se surgir o *método biográfico* nas Ciências Sociais, desenvolvido a partir das pesquisas de Thomas e Znanieki. A bibliografia consultada a esse respeito (Munoz; Ferraroti; Kohli; Marre e outros) centra a discussão no relato de vida, que, nesse sentido, é o que dá consistência ao *método biográfico*. Nota-se, aí, que, enquanto na História ocorre um refluxo do indivíduo como problemática científica, nas Ciências Sociais, ele aparece instituindo um novo modo de abordar a sociedade. A proposta desse novo método não é, no entanto, a mesma da *biografia histórica tradicional*. Tendo o relato de vida e a autobiografia como eixos da pesquisa, o *método biográfico* lançado pela Sociologia representa a concepção pessoal dos atores sociais na produção sociológica (Kohli, 1993, p. 174).

O surgimento do *método biográfico* nas Ciências Sociais se deu de forma imbricada ao surgimento da *história de vida*. Não é possível distinguir, muitas vezes, um do outro. Munoz (1992), por exemplo, busca explicar o *método biográfico* definindo-o nos moldes da *história de vida* e não da *biografia*, sendo esta um gênero cultivado principalmente pela História e pela Literatura.⁷ As primeiras pesquisas, nesse campo, tomaram como unidade um indivíduo e construíram suas narrativas com base em relatos e autobiografias (concepção pessoal do sujeito pesquisado). Com o desenvolvimento do método, buscou-se descentrar o foco do indivíduo para “reconstruir, através de histórias de vida, a história estrutural e sociológica de determinados grupos sociais” (Marre, 1991, p. 108). Isso significa que não mais o relato de vida de um indivíduo, uma autobiografia comporia a pesquisa, mas um número suficiente de histórias de vida que pudesse dar conta da explicação do grupo.

[...] os pesquisadores desejam reconstruir, através das histórias de vida, a história estrutural e sociológica de determinados grupos sociais. Uma verdadeira descontinuidade na própria concepção da técnica e na sua inserção num método mais amplo ocorre [...]. O pesquisador não está interessado numa história de vida de cunho psicológico e individualista, ou até com função terapêutica. Pelo contrário, está interessado em reconstruir a trajetória sociológica e histórico-estrutural de um determinado grupo social (ou vários, no

caso de estudo comparativo). Nesse caso, a unidade de investigação não é nem uma autobiografia oral ou escrita, mas várias histórias de vida entrelaçadas e constitutivas das várias posições e itinerários da trajetória de um grupo (Marre, 1989, p. 108).

Ferraroti (1989) parece defender uma postura semelhante quando apregoa a escolha do *grupo primário* como alvo ideal da *biografia*. Trata-se, portanto, de uma biografia de uma coletividade, considerando-a como um importante meio de estudo do privado e do cotidiano na História.

Mesmo dentro do campo sociológico encontram-se variações de enfoque. A hipótese lançada por Berteaux (1993) de uma *perspectiva biográfica* introduz o aspecto da *reflexão* no *método biográfico*, na medida em que o autor não considera suficiente a *observação* dos relatos de vida.

La expresión perspectiva biográfica constituye una apuesta de futuro. Expresa efectivamente una hipótesis: el investigador que comienza a recoger relatos de vida, creyendo tal vez que utiliza una nueva técnica de observación dentro de unos marcos conceptuales y epistemológicos inmutables, se verá paulatinamente llevado a cuestionar, uno tras otro, dichos marcos. Lo que va a estar en juego no es la mera adopción de una nueva técnica, sino la construcción progresiva de una nueva práctica sociológica; una nueva perspectiva que, entre otras características, permitiría reconciliar, de una vez por todas, la observación y la reflexión (Berteaux, 1993, p. 152-153).

Isso remete à pergunta: O *método biográfico* ou de *histórias de vida*, em sua origem, limitava-se à observação? Será que sua crítica vai no sentido dos métodos estatísticos? O método da *história de vida* não se refere necessariamente ao subjetivo? Segundo o que afirma Saraceno (1989), parece que não. No que o autor chama de *trajetória vital*, uma série de dados quantitativos são necessários para reconstruir padrões de comportamento, o que é o objetivo deste enfoque. Mas, ao mesmo tempo, o subjetivo toma seu espaço na análise, na medida em que “es necesaria la reconstrucción de la vida de cada individuo con relación a sus motivaciones, percepciones, interpretaciones y estrategias para la toma de decisiones” (Saraceno, 1989, p. 50). Portanto, pode-se notar que existe também, dentro do próprio campo da Sociologia, uma variação nas interpretações sobre o mesmo método.

Algumas comparações já podem ser feitas entre a *biografia histórica* e o *método biográfico* da Sociologia: enquanto a primeira centra o interesse no indivíduo, a segunda procura desvendar o grupo; enquanto a primeira não estabelece prioridade de fonte, a segunda privilegia o relato de vida e a autobiografia. E ainda pode-se observar outro traço: a biografia histórica é tratada como gênero,

enquanto a sociológica prefere denominar-se método. A explicação disso pode estar, por um lado, na própria pretensão científica das Ciências Sociais desde sua origem; de outro, no namoro recente da História com a Literatura. Ou talvez seja apenas uma forma de determinar melhor o campo no qual se está *jogando*. Suposições à parte. Essas questões merecem um aprofundamento que ultrapassa os limites deste trabalho.

Vistas, portanto, as trajetórias da *biografia* (em suas versões histórica e sociológica) e da *história de vida* (na *carona* de um *método biográfico* que se define como *história de vida*), passa-se a analisar, brevemente, a trajetória da *história oral* no campo intelectual.

A *história oral* é a *irmã mais nova* entre as três metodologias que aqui estão sendo analisadas. Parceira da *história de vida*, terreno onde foi buscar influências (incluindo pretensos precursores na Escola de Chicago), a *história oral* encontra condições de surgimento – no campo da história – nas décadas de 60 e 70. No século XIX, ou ainda antes, não havia condições propícias para o desenvolvimento dessa metodologia, já que “a história se constituiu cientificamente, desde o século XVII, a partir da crítica da tradição oral e, mais genericamente, do testemunho” (Joutard, 1996, p. 43).⁷ Ao surgir, no entanto, na segunda metade do século XX, a moderna história oral buscou resgatar, como forma de justificação, de legitimação do método, ou ainda, de valorização de seus pressupostos, uma trajetória fundada numa larga tradição oral que, do ponto de vista das Ciências Humanas, caberia mais à etnologia. A *história oral* encontrou na Antiguidade seus *pais fundadores*, uma forma de fazer frente à historiografia profissional do século XIX, que expulsou a tradição oral do campo científico. A formulação de Trebisch (1994, p. 21) parece vir no sentido de criticar essa necessidade fundante:

A História Oral, apresentando-se de cara como uma contra-história, dotou-se de uma genealogia em parte mítica que esvazia qualquer tentativa de estabelecer uma cronologia linear. Inventou, no decorrer das lutas, seus deuses tutelares, seus heróis corajosos – senão os seus mártires – precursores cujo aparecimento, ou redescoberta, é difícil situar em termos cronológicos precisos. Identificou também, “cães de guarda” da ideologia dominante, os seus bodes expiatórios e seus inimigos hereditários.

Afora as genealogias, às vezes, um pouco exageradas, os inícios dessa nova metodologia podem ser encontrados na tão discutida crise das Ciências Humanas. Pollak (1987, p. 11-12) apresenta uma análise bastante interessante sobre o assunto. Para este, o surgimento da história oral é fruto das lutas de afirmação no campo científico. A história oral se constituiu em oposição à história dominante, oficial e acadêmica. Propôs-se como uma *história vinda de baixo*, o que Pollak interpreta de duas

maneiras: a indicação do objeto de estudo e a posição dos pesquisadores no campo científico (pólo dominado da historiografia). Para o autor, o estreitamento das perspectivas de carreira favoreceu a invenção de novos campos profissionais, como no caso da *história oral*. Ela surge, portanto, como uma história nova, *uma outra história*.⁸ Ganha um bom número de adeptos – dentro e fora da história acadêmica. Sua expansão, ao longo das décadas de 60 e 70, é favorecida por uma postura transformadora: “a história oral se afirmava, assim, como instrumento de construção de identidade de grupos e de transformação social – uma história oral militante” (Ferreira, 1994, p. 4). A partir da publicação da obra de Paul Thompson – *The voice of the past* –, em 1978, a geração de historiadores que se voltaram à *história oral* pode encontrar fundamentação para suas pesquisas politicamente engajadas.

A perspectiva militante não foi, no entanto, hegemônica, e muitos trabalhos com uma visão mais crítica dos próprios objetos de pesquisa têm sido realizados nesse campo. Ferreira (1994, p. 9-10) avalia o desenvolvimento da *história oral* em dois sentidos: um, no qual os depoimentos têm a função de preenchimento de lacunas da documentação escrita (contribuem com informações); outro, que visa ao *estudo de representações*, concedendo importância para as *relações entre memória e história*. Dentro e fora da academia, essa metodologia – ora vista como método, ora vista como disciplina – se vulgariza interdisciplinarmente. Aí começam, novamente, os problemas de entendimento diferenciado dos conceitos. Para mostrar como há falta de unidade de compreensão, retoma-se o texto de Queiroz, lugar de onde partiram as indagações.

Para a autora, a *história oral* é uma metodologia de *quadro amplo*, na qual recolhem-se relatos de experiência de um indivíduo ou grupo. A *história de vida* estaria inserida dentro desse quadro como uma variante da metodologia voltada à existência daquele que narra. Uma forma de demonstrar como há uma certa confusão conceitual na visão de Queiroz sobre o tema é a própria periodização que ela dá ao surgimento, ou como define, *reaparecimento* da *história oral*.

Diz-se reaparecimento porque, do começo do século ao início dos anos 50, a *história oral* fora utilizada por sociólogos como W.I.Thomas (1863-1947) e F. Znaniecki (1882-1958) em sua pesquisa conjunta, datada de 1918-1920; ou como John Dollard (1900) que pretendeu traçar-lhe as regras de aplicação; e também por antropólogos, entre os quais Franz Boas (1858-1942) (1988, p. 14).

Nota-se, aí, que a metodologia da *história de vida* (*life history*), criada pelas Ciências Sociais nos anos 20, passa a ser incorporada à *história oral*, que,

como já se viu, é posterior (ver Pollak, Trebisch, Ferreira, Joutard e outros). Vê-se, portanto, uma espécie de reducionismo de uma metodologia com maior tradição na Sociologia e na Antropologia⁹ a um campo bastante recente da historiografia.

Ao tratar das diferenças entre *biografia* e *história de vida*, Queiroz desvaloriza a primeira em detrimento da segunda que, para ela, é parte da *história oral*. Enquanto a *biografia* “ressalta em seu trabalho os aspectos marcantes e inconfundíveis do indivíduo, cuja existência decidiu revelar ao público”, a *história de vida* “busca atingir a coletividade de que o informante faz parte, e o encara, pois, como mero¹⁰ representante da mesma através do qual se revelam os traços desta”. Até aí não parece haver maiores críticas. É questionável, no entanto, sua avaliação acerca da *utilidade* das *autobiografias* e das *biografias* como simples *repositórios de dados* (1988, p. 25). A postura da autora diante do tema não deixa claro de que tipo de biografia está tratando, parecendo generalizar a crítica. Quanto às limitações da biografia, Queiroz (1988, p. 24) ressalta a linearidade do método, que

[...] justamente porque se trata de um indivíduo considerado em sua integralidade, a biografia não pode ser decomposta em elementos ou utilizada em fragmentos, sob pena de se perder completamente o sentido que se procurava: o desenvolvimento da personalidade, isto é, do eu único e permanente que, embora evoluindo através do tempo, mantém certa linha constante que o distingue dos demais. (O grifo é nosso.)

Nesse sentido, é bastante conhecida a crítica de Bourdieu (1996) à *biografia* – único autor que é citado tanto por sociólogos do *método biográfico* quanto por historiadores do *gênero biográfico* – como seqüência linear dotada de sentido em que se representa a vida da pessoa como um todo coerente atribuindo-lhes uma direcionalidade. As trajetórias individuais não se constroem simplesmente por meio dos relatos biográficos nos quais cada sujeito se converte em ideólogo de sua própria existência, selecionando certos acontecimentos significativos. Para compreender uma trajetória, seria preciso construir previamente os estados sucessivos do campo social em que ela se desenvolve, isto é, o conjunto de relações objetivas que unem o sujeito analisado e que o vinculam a outros agentes sociais. Nessa crítica de Bourdieu, é possível deduzir que ele está se referindo, em grande parte, ao *método biográfico* (com base nos relatos e na autobiografia), uma vez que ressalta a participação do próprio objeto de estudo – o biografado – na construção de um discurso linear. Mesmo assim, suas considerações são extremamente pertinentes e foram admitidas pelos historiadores que, atualmente, produzem *biografias* “enclausurar a

existência (como frequentemente o fazem os historiadores) em busca de uma improvável unidade de sentido revela uma ingenuidade imperdoável, ainda mais porque, neste século, a literatura não se cansou de revelar a natureza descontínua e provisória do real” (Loriga, 1998, p. 246).

A postura desse sociólogo, no entanto, não é de todo aceita. Clot (1989) critica o objetivismo que se encontra incrustado na crítica bourdiana ao subjetivismo das *biografias*/relatos de vida. O autor refere-se a uma ilusão objetivista, onde o sujeito é determinado pelo meio, é produto da ação global das forças sociais. Clot defende uma relação constante de tensão entre a liberdade do indivíduo e as convenções e normas. Portanto, uma *biografia* deveria levar em conta essa dialética.¹¹ Loriga (1998, p. 246), por sua vez, avalia que, “por intermédio de sua crítica, o sociólogo [Bourdieu] tende a homologar as condutas individuais e a reforçar os laços normativos, a força do *habitus*”.

E esse ponto é bastante ressaltado pelos historiadores que se voltam ao *gênero biográfico* na historiografia recente. A relação entre liberdade individual e normas sociais parece ser a questão central que a *biografia* pode tentar responder. Segundo Levi (1996), o *gênero biográfico* é “o campo ideal para verificar o caráter intersticial da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições”. Trata-se, portanto, de romper não apenas com a linearidade e a homogeneidade do indivíduo, mas também do social; reagir à suposta determinação do coletivo sobre o indivíduo, ou, como afirma Loriga (1998, p. 249), “revelar os conflitos que presidiram a formação e a edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, ‘façam’ eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder”.

Retomando novamente o texto de Queiroz, pode-se, ainda, pinçar mais um aspecto conflituoso em sua visão. Para ela, a *biografia* busca, no contexto social, as explicações para compreender o indivíduo estudado, ou como declara a autora, “o biógrafo, mesmo que retrate a sociedade de que seu personagem participa, o faz com o intuito de compreender melhor a existência do biografado” (1998, p. 24). Ou seja, a sociedade explica o indivíduo; é a partir dela que ele se revela. A relação entre o indivíduo e o contexto – problematizada por autores como Rojas (2000), Levi (1996), Le Goff (1989) ou Revel (1998a) – é outra das questões centrais do *gênero biográfico* na atualidade. Nesse sentido, propõe-se uma alternativa inversa: o indivíduo é o *fio condutor* que levará ao social, ou levará a “outros fios: os espaços de sociabilidade por onde circulava e como estes podem ter lhe influenciado, as leituras realizadas e sua reelaboração pessoal, os códigos de moral da época e suas interpretações/manipulações próprias,

etc.” (Schmidt 2000a, p. 124). Mesmo que o *gênero biográfico* esteja centrado na apresentação e na explicação de uma vida individual na história (Le Goff, 1989, p. 50) ou busque o espaço de ação do indivíduo nessa mesma história (Lima Filho, 1993, p. 5), trata-se apenas de um meio particular de, a partir da redução da escala de análise,¹² chegar ao social: “a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente desse, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve” (Revel, 1998, p. 20).

Saldos da afamada crise de paradigmas ainda podem ser encontrados, como se pôde ver nesse enredado mapeamento dos conceitos aqui tratados. Buscar delimitações ao mesmo tempo em que se disseminam os *usos e abusos* das metodologias e das teorias parece ter sido uma constante nas Ciências Humanas, nos últimos tempos. Um movimento um tanto descoordenado vai ao mesmo tempo no sentido da interdisciplinaridade e de uma definição dos campos científicos. Mas parece importante ter a idéia de *com quem andamos* ou *por onde*, ou estranhar o posicionamento do outro, discordar e procurar outras respostas, dentro ou fora do mesmo campo científico, desde que saiba onde. E parece que Revel (1998b, p. 89) tem certa razão:

A interdisciplinaridade que parecia evidente, fosse qual fosse a via seguida para operá-la, tornou-se problemática, e talvez seja melhor assim. Daí a multiplicação das respostas. Vivemos em um tempo de *anarquia epistemológica*, ao mesmo tempo sugestivo e irritante. Tudo se passa como se, apagados os antigos pontos de referência, devêssemos agora tentar reconstruir um espaço pensável para as Ciências Sociais. Essa reconstrução, entretanto, está apenas começando, e é muito cedo para adivinhar hoje aonde ela nos conduzirá. O que se pode fazer, em troca, é dar atenção às formas que ela adquire sob nossos olhos. A primeira é a de uma *redisciplinarização* parcial. A experiência dos anos 70 e 80 terá sido também a de uma maneira de confusão de gêneros. Se nada, no fundo, distingue a História da Antropologia ou da Sociologia, qual pode ser o lucro tirado de seu confronto? É preciso tornar novamente possíveis entre elas *diferenças potenciais* (B. Lepetit), que garantiriam uma circulação efetiva fundada sobre a autonomia e sobre a diferença dos pontos de vista e dos procedimentos de trabalho. Não se trata, então, de tornar a compartimentar o espaço científico em nome dos particularismos disciplinares, mas sim de abrir nele uma pluralidade de projetos que não se recobrem um ao outro. Essa segunda evolução em curso parece-me contribuir para redefinir o papel da história no seio das Ciências Sociais.

Notas

¹ Segundo Pollak (1987, p. 17), a entrevista biográfica se revelou como um dos instrumentos de pesquisa privilegiados na história oral, a ponto de ser identificada com a coleta de histórias de vida.

² Sobre o assunto, ver Burke (1997).

³ Referente aos antecedentes mais remotos do gênero biográfico, ver Loriga (1998).

⁴ Schmidt (2000a, p. 123) pondera: “falar em ‘retorno’ ou ‘volta’ da biografia – bem como da narração e do político – parece ser equivocado, pois, como afirma Le Goff (1990, p. 7) ‘cada um desses gêneros históricos (ou quase) volta com uma problemática profundamente renovada’.”

⁵ Sobre esta perspectiva, ver Weinberg (2000, p. 24).

⁶ O autor salienta a distinção entre a abordagem sociológica e as desenvolvidas pela História e pela Literatura.

⁷ Como salienta Ferreira (1994, p. 1), “a consolidação da disciplina da história e a profissionalização do historiador no século XIX impuseram o domínio absoluto dos documentos escritos como fonte, em detrimento da tradição oral, expulsando a memória em favor do fato”.

⁸ “[...] a História Oral assume um projeto utópico de democratização da História, contra a instituição, a civilização, o progresso, a

cidade, propondo-se a devolver a palavra ao povo, ao rural, ao primitivo. A História quente, militante, história dos excluídos, em que o oral se opõe ao escrito como a natureza à cultura, o vivenciado ao concebido, o verdadeiro ao artificial, a História Oral construiu sua identidade sobre um sistema maniqueísta de antinomias” (Trebisch, 1994, p. 21).

⁹ Camargo, Hippolito e Lima (1983, p. 13) consideram que “a utilização de histórias de vida está mais incorporada à prática antropológica que aos demais campos, e de tal forma que muitas vezes o método é empregado tão automaticamente que mal aparece uma menção específica mais precisa.” Parece, portanto, inadequado reduzir uma metodologia de larga tradição a uma das formas possíveis de se desenvolver um trabalho de história oral.

¹⁰ É interessante observar o uso da expressão *mero*, que, em geral, deprecia o que se está querendo comentar.

¹¹ “Solo la razón dialéctica nos permite interpretar la objetividad de un fragmento de historia social sobre la base de la subjetividad no eliminada de una historia individual. Sólo la razón dialéctica nos da el acceso a lo universal y a lo general (sociedad) partiendo de lo individual y lo singular (un hombre determinado)” (Ferraroti 1993, p. 123).

¹² A respeito da *escala*, ver Revel (1998a) e Bensa (1998).

Referências bibliográficas

AZEVEDO, F. L. N. Biografia e gênero. In: GUAZZELLI, C. et al. *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p. 131-146.

BECKER, H. S. Histórias de vida em sociologia. In: BALÁN, J. *Las historias de vida en ciencias sociales: teoría técnica*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1975. p. 27-40.

- BENSA, A. Da microhistória a uma antropologia crítica. In: REVEL, J. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 39-76.
- BERTAUX, D. La perspectiva biográfica: validez metodológica y potencialidades. In: MARINAS, J. M. SANTAMARINA, C. (Eds.). *La historia oral: metodos y experiencias*. Madrid: Debate, 1993. p. 149-171.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996. p.183-191.
- BURKE, P. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Estudos Históricos*. Indivíduo, biografia, história, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 83-97, 1997.
- CAMARGO, A.; HIPPOLITO, L.; LIMA, V. Histórias de vida na América Latina. *Bib.* Boletim informativo e bibliográfico de Ciências Sociais, Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n.16, p.1-64, 2º sem./1983.
- CLOT, Y. La outra ilusão biográfica. *Historia y fuente oral*, Universidad de Barcelona, n.2, p. 37-41, 1989. [Reedição 1996].
- DEBERT, G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, R. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1988 [1986].
- FERRAROTTI, F. Breve nota sobre historia, biografia, privacy. *Historia y fuente oral*. Universidad de Barcelona, n. 2, p.53-58, 1989. [Reedição 1996].
- _____. Las biografías como instrumento analítico e interpretativo. In: MARINAS, J. M.; SANTA-MARINA, C. (Eds.). *La historia oral: metodos y experiencias*. Madrid: Debate, 1993a. p.129-148.
- _____. Relación entre sociología e historia: ¿Síntesis o conflicto? *Historia, antropología y fuentes orales*, Universidad de Barcelona, n.16, p. 87-101, 1996.
- _____. Sobre la autonomia del método biográfico. In: MARINAS, J. M.; SANTAMARINA, C. (Eds.). *La historia oral: metodos y experiencias*. Madrid: Debate, 1993b. p. 121-128.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. Apresentação. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996. p. vii-xxv.
- _____. História oral: um inventário das diferenças. In: *Entrevistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994. p.1-13.
- FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996. p. 3-13. [Les Cahiers de L'IHTP, n. 4, juin 1987].
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção dos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos & abusos da História*

- Oral. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996, p. 43-62.
- KOHLI, M. Biografia: relato, texto, método. In: MARINAS, J. M; e SANTAMARINA, C. (Eds.) *La historia oral: metodos y experiencias*. Madrid: Debate, 1993. p.173-184.
- LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996, p.167-182.
- LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (Org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998, p. 225-250.
- MOYA, A. M. Biografia y narración en la historiografía actual. In: JORNADAS DE ESTUDOS HISTÓRICOS (3: 199: Salamanca) *Problemas actuales de la Historia*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1993. p. 229-257.
- MUNOZ, J.J.P. *El método biográfico: el uso de las historias de vida en ciencias sociales*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1992. (Colección Cuadernos Metodo-lógicos).
- PEREIRA, L. M. L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 3, p.117-127, 2000.
- POLLAK, M. Pour un inventaire. *Les Cahiers de L'IHTP*, n. 4 (Questions à l'histoire orale), p. 11-31, juin 1987.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). *Experimentos com histórias de vida*. (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.
- REVEL, J. História e ciências sociais: uma confrontação instável. In: BOUTIER, J.; DOMINIQUE, J. (Orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998a. p. 79-90.
- _____. Microanálise e cons-trução do social. In: REVEL, J. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998b. p. 15-38.
- ROJAS, C. La biografía como género historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, B. (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. p. 9-48.
- SARACENO, C. La estructura temporal de las biografías. *Historia y fuente oral*. Universidad de Barcelona, n.2, p. 43-52, 1989. [Reedição 1996].
- SCHMIDT, B. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, B. (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000a. p. 49-70.
- SCHMIDT, B. B. A biografia histórica: o retorno do gênero e a noção de contexto. In: GUZZELLI, C. et al.

Questões de teoria e metodologia da História. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000b. p. 121-129.

_____. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos 90*, Revista do PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, n. 6, p. 165-192, dez. 1996.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREBITSCH, M. A função epistemológica e ideológica da história oral no

discurso da história contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 19-41.

VON SIMSON, O. R. de M. Reflexões de uma socióloga sobre o uso do método biográfico. In: MEIHY, J. C. S. B. (Org.). (Re) introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996. p. 83-91. (Série Eventos).

WEINBERG, A. La biographie historique: un genre mineur? *Sciences Humaines*. Les récits de vie, Paris, n.102, p. 24, fev. 2000.